

BOLSAS		BOVESPA		A-BOND	DÓLAR		EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na sexta (em %)		Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)		Título da dívida externa brasileira, na sexta	Sexta-feira (em R\$)		Turismo, venda (em R\$) na sexta-feira	Na BM&F o grama (em R\$)	Prefixado, 31 dias (em % ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
-1,35	São Paulo	-0,45	Nova York	US\$ 1,111	2,108	Últimas cotações (em R\$)	2,741	R\$ 45,100	12,81%	Agosto/2006
				(▼ 0,04%)	(▲ 0,72%)	02/fevereiro 2,10	(▲ 0,55%)	(▲ 2,0131%)		Setembro/2006
						05/fevereiro 2,09				Outubro/2006
						06/fevereiro 2,08				Novembro/2006
						07/fevereiro 2,09				Dezembro/2006
						08/fevereiro 2,09				

ECONOMIA

BANCOS

Provável compra do BMG pelo Itaú deixará nas mãos de apenas cinco instituições financeiras quase todos os empréstimos com prestações descontadas na folha de pagamento. Clientes sairão perdendo

Faltarão competição

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

O crédito consignado, cujas prestações são descontadas em folha de pagamento, está cada vez mais concentrado nas mãos de poucos bancos. As estimativas indicam que, se for mesmo fechada a compra do BMG pelo Itaú, como se especula no mercado, esse segmento, que ganhou força em 2004, será comandado por apenas cinco instituições: além do Itaú, Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil, Bradesco e Nossa Caixa. Juntos, calcula o consultor José Luiz Rodrigues, presidente da JL Rodrigues, Carlos Átila e Consultores Associados, esses bancos terão mais de 90% do mercado.

“Trata-se de um dado preocupante para os consumidores, pois o pior que pode ocorrer em um mercado é a concentração de produtos, como a que estamos vendo”, afirma o consultor. Para ele, por mais que se diga o contrário, “a falta de concorrência resulta, sim, em taxas de juros e prazos de pagamento mais parecidos”, um problema para um país que precisa tornar o crédito mais barato e acessível — esse, por sinal, foi o argumento usado pelo governo para regulamentar o consignado. “Do jeito que o

mercado está se comportando, veremos, em breve, o desaparecimento de boa parte dos bancos de médio porte que saíram na frente e se especializaram no crédito consignado”, diz Rodrigues.

O sinal mais evidente dessa concentração, ressaltava o analista de bancos Marcelo Artoni de Marco, do Instituto de Ensino e Pesquisas em Administração (Inepad), foi dado há três semanas, quando o Bradesco anunciou a compra do BMC por R\$ 800 milhões. Com uma carteira de crédito de R\$ 2 bilhões, o BMC era o

segundo banco mais forte no empréstimo consignado aos aposentados e pensionistas do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), atrás somente do BMG, cobiçado pelo Itaú. Com essa tacada, o Bradesco, que estava fora da lista dos maiores bancos com crédito consignado, saltou para a terceira posição, quando consolidadas todas as operações — INSS, funcionalismo público e empregados da iniciativa privada.

Calote mínimo

Na avaliação de José Luiz Rodri-

gues, a estratégia de ataque dos grandes bancos sobre as carteiras de crédito consignado montadas pelas instituições de menor porte começou no final de 2004, com a quebra do Banco Santos. Naquele período, os empréstimos com desconto em folha ainda estavam em processo de consolidação e os bancos maiores não tinham demonstrado tanto apetite pelo produto, que exigia uma estrutura agressiva de captação de clientes, formada por agentes autônomos.

Como o fechamento do Ban-

co Santos reduziu drasticamente o processo de financiamento das instituições de médio e de pequeno portes — muitos clientes sacaram recursos temendo uma onda de quebra —, os grandes bancos aceitaram socorrê-las, desde que recebessem como garantia parte das carteiras dos empréstimos com desconto em folha. “Aí, as grandes instituições começaram a ganhar dinheiro com o consignado e viram que era um excelente negócio avançar nesse mercado, cujo risco de calote é

baixíssimo”, destaca o presidente da JL Rodrigues.

Pelas contas do Banco Central, em dezembro de 2006, o saldo das operações de crédito consignado totalizava R\$ 48,2 bilhões, sendo R\$ 42,2 bilhões emprestados ao funcionalismo público e aos beneficiários do INSS e R\$ 6 bilhões, aos empregados de empresas privadas. Entre 2004 e 2006, o consignado aumentou 181%. Esses empréstimos, com taxa média de juros de 33,4% ao ano, já representam 54% de todo o crédito pessoal concedido pelos bancos.

